

LABIRINTOS E AFETOS: SOBRE UM GRUPO DE TRABALHO QUE SE PENSA

*Sandra Albernaz de Medeiros*¹

**Departamento de Fundamentos da Educação
UNIRIO**

Introdução: explicações preliminares

A temática que iremos desenvolver versa sobre a elaboração de um documentário no qual são apresentados depoimentos sobre as escolhas que muitos jovens se veem na obrigação de fazer a partir do curso de graduação que decidiram cursar na universidade e o que se desenrolou em um grupo de pesquisa ao longo da construção deste recurso imagético. Sabemos de antemão que a escolha de uma formação universitária não é uma decisão trivial e simples, pois traz em seu bojo o componente de poder determinar fortemente seus futuros. O projeto voltado para estudos superiores é, para muitos, uma trajetória que requer decisões para as quais não se encontram preparados, já que os jovens sabem pouco sobre as múltiplas práticas profissionais que envolvem suas escolhas e suas percepções a respeito são, não raramente baseadas em clichês, idealizações ou estereótipos. As decisões sobre os cursos que pretendem realizar são feitas um tanto às cegas, como num labirinto no qual os caminhos não são visíveis de modo imediato e por isso, como diz o título, mobilizam afetos, desejos e perspectivas não muito claras para muitos jovens.

Desenvolvemos uma primeira reflexão sobre um grupo de trabalho e de pesquisa que filmou depoimentos de calouros na universidade sobre suas escolhas, no caso específico do curso de Pedagogia. Durante o registro este grupo iniciou espontaneamente um processo de autorreflexão, trocando comentários sobre o que eles mesmos tinham decidido. É sobre este caminho que se produziu que iremos discutir as relações entre os estudantes do grupo de pesquisa. Neste sentido pensamos que a ideia de labirinto nos auxilia a pensar os afetos que foram tecidos no grupo.

Os labirintos nos colocam diante da experiência semelhante à de Teseu: caminhos sem saída, escolhas que nos fazem duvidar se as fizemos corretamente, outras que nos permitiriam sair dali. Mas quais? Vive-se, sobretudo, na expectativa de um combate contra um “monstro” – mitológico ou imaginário – que apareceria a qualquer momento para devorar ou destruir. Não é para menos que o Minotauro seria um ser híbrido, meio animal, meio homem que devorava de tempos em tempos rapazes e donzelas. O herói Teseu mata o monstro com uma

¹ Psicóloga, mestre em Psicologia pela PUC-RIO, doutora em Ciências da Educação e em Memória Social.

espada, símbolo da força, do poder, da justiça e da destruição (CHEVALIER, 1988, p.471)², o que nos faz pensar no combate que se passa no encontro entre o que é ameaçador e a coragem do herói. Toda escolha requer coragem e, portanto, uma dose de heroísmo.

Os caminhos a serem percorridos para a obtenção de um diploma universitário – a chegada ao centro do labirinto – anunciam não apenas a satisfação da conquista de uma vaga na universidade pública, mas também comportam dúvidas quanto à adequação de uma escolha. Teseu e sua luta contra o Minotauro foram a inspiração do grupo de pesquisa para nomear o processo de elaboração e finalização do documentário em questão ao entrevistar calouros e formandos do curso de Pedagogia da UNIRIO a respeito do porquê os primeiros o escolheram e os segundos o finalizaram.

Procurávamos um título para o documentário e, para isso, fizemos um *brainstorming* quando apareceu a ideia de labirinto. O labirinto expressa os muitos sentimentos que acompanham os estudantes quando da chegada à universidade, o que envolve muitos sentimentos como medo, ansiedade e dúvidas relativas ao caminho profissional decidido no ato da matrícula. De acordo com uma das participantes do grupo, ouviríamos com frequência muitos “talvez”, “não sei”, “quem sabe”, da parte dos calouros. As certezas estão longe de seu vocabulário. Muitos estudantes iniciaram seus cursos de graduação sem, ao menos, supor que estariam tentando realizar seus desejos ou fantasias. Observamos uma evasão considerável logo no primeiro período, em especial, no curso de Pedagogia da UNIRIO. Mas o labirinto tem também, dentre diversos significados, o de um caminho que conduz ao interior de si mesmo, pois pede ao caminhante uma autoconcentração “através dos mil caminhos das sensações, emoções e ideias, suprimindo todo obstáculo pela intuição pura e voltar para a luz sem deixar-se colher pelos muitos atalhos dos caminhos.” (CHEVALIER, 1988, p.621)³

Vamos apresentar, a seguir, como se deu este processo: a produção e realização de um documentário sobre estudantes e as repercussões deste trabalho no grupo de pesquisa, sendo, este último, nosso principal objetivo de análise.

Um recurso metodológico ditado pela paixão

A ideia de um documentário nasceu em um dia em que despreziosamente eu assistia televisão, no início de uma tarde qualquer, e procurava uma distração nas muitas estações de TV a cabo. Depois de algum tempo vi-me diante de imagens de pessoas colocadas

² Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain. **Diccionario de los símbolos**, Barcelona : Herder, 1988.

³ Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain (idem), 1988. Tradução livre.

na tela em primeiro plano, falando de suas vidas. Suas narrativas diziam respeito às suas experiências profissionais e, em especial, nas suas militâncias políticas. Estas falas tão diretas – quanto o olhar que nos dirigiam – fizeram-me, finalmente, sossegar o controle remoto, já que eu não me satisfazia com beijos apaixonados, tiros, socos, pontapés ou bate-bocas que compunham vários dos filmes que passavam naquele horário. Assisti a homens e mulheres narrando suas histórias. Fui arrastada até eles e não pude desgrudar os olhos e ouvidos até o final do filme. Eles falavam do tempo em que participaram ativamente como metalúrgicos dos movimentos grevistas em São Bernardo do Campo durante a ditadura militar na década de 1980. O título deste documentário é “Peões”, de Eduardo Coutinho.

O que me fascinou em “Peões”, assim como em “Edifício Master”, também de Coutinho, foi o modo pelo qual todas aquelas pessoas, mediadas pelas câmeras de vídeo e pela sensibilidade do documentarista, pareciam estar falando diretamente comigo, como se saltassem da tela da TV e se materializassem ao meu lado. Não havia cenários fabricados, mas somente os ambientes de suas próprias casas. Falavam de eventos importantes de nossa história recente e desfiavam os muitos momentos que constituíam suas memórias afetivas. Observei encantada, em todos eles, as expressões do olhar, dos músculos da face, do gestual que encontramos em quem fala de sua experiência.

Vi-me intensamente afetada por tais narrativas que me remeteram a um período da história social e política do Brasil, que me tocava em especial. Boa parte de minha juventude foi passada durante este triste período do país e, desde então, fiquei “vacinada” contra qualquer tipo de autoritarismo, hipocrisia ou mentira. O que Coutinho conseguiu captar foi, aos meus olhos, a coragem, dignidade e paixão desses operários. A força e a intensidade de suas falas produziram em mim um forte impacto e o desejo de criar condições para que novos personagens⁴ aparecessem dentro do campo em que exerço minha vida acadêmica: a Educação.

Ao longo deste percurso fui construindo o projeto, a princípio chamado de “Histórias de vida de alunos do curso de Pedagogia”, que consiste na produção de um documentário elaborado a partir de depoimentos de calouros e formandos do curso de Pedagogia da UNIRIO. Cunhei a seguinte pergunta, cuja finalidade seria desencadear suas falas: “*O que o*

⁴ Recentemente, em fevereiro de 2012, no canal Globo News foi transmitida uma entrevista com Eduardo Coutinho onde ele afirma que as pessoas que aparecem em seus filmes são consideradas por ele como personagens, já que o que podemos conhecer a partir de suas falas implica em um recorte temporal, além da relação que a pessoa estabelece com a câmera, situação que provoca uma representação. Para isso é interessante assistir a *Jogo de Cena*, do mesmo diretor.

fez se matricular no curso de Pedagogia e por que na UNIRIO? Para os formandos a pergunta seria outra: “*O que fez você concluir o curso de Pedagogia?*”

No entanto, a possibilidade de fazer um documentário provocava outras perguntas, que boiavam um tanto silenciosas na minha cabeça: que fatores institucionais e relativos às subjetividades dos estudantes vieram ao encontro de meu desejo? Que forças, ainda indiscerníveis para mim, estariam presentes em minhas relações com os estudantes, colocando-me à sua escuta, numa postura diversa da professora? Que caminhos-labirintos os estudantes calouros percorriam até chegar à universidade? Que experiências existenciais os estudantes trazem para a universidade, das quais a instituição pouco ou nada conhece? Quais instrumentos ou recursos a universidade lhes oferece para sair do labirinto? Muitas perguntas, muitas possibilidades de investigação.

Comecei conversando com alguns estudantes com quem tinha maior proximidade e parti para comprar uma filmadora. Iniciei meu próprio labirinto, pois mal sabia manipular o equipamento e menos ainda como editar imagens. Lancei-me no projeto, acompanhada por dois estudantes e a intensa vontade de ouvir os jovens, que concordavam em dar seu depoimento para que fosse registrado em imagem e som.

Ao longo do tempo – três períodos letivos – foram ouvidos cerca de 20 estudantes. Neste intervalo de tempo, o grupo atual de trabalho foi se formando: cinco estudantes – dois deles do curso de Biblioteconomia e três do curso de Pedagogia – que obtiveram uma “bolsa permanência”⁵ e mais dois voluntários. Passamos a nos reunir às segundas-feiras no horário de intervalo entre o curso vespertino e o curso noturno, entre 17 e 18 horas. Nestas reuniões estudamos, lemos textos, discutíamos o rumo do trabalho e gravávamos as entrevistas. Durante as férias de janeiro passamos a nos encontrar por mais tempo.

A escolha dos componentes do grupo seguiu um critério pouco acadêmico, já que não havia nenhum compromisso com bolsas das instituições financiadoras de pesquisa. No nosso caso, todos eles vinham me procurar perguntando-me se seriam aceitos e foram aceitos para a pesquisa. Formamos um grupo de oito estudantes: quatro voluntários (dois deles se afastaram) e cinco bolsistas. Seis deles são estudantes do curso de Pedagogia e dois do curso de Biblioteconomia; três das voluntárias eram calouras sendo que os outros cinco estudantes frequentavam do segundo ao sétimo período. A presença dos estudantes de Biblioteconomia nos trazia uma perspectiva diferente da do curso de Pedagogia, pois sua formação focaliza

⁵ A UNIRIO tem um programa de auxílio aos estudantes que provam ter dificuldades de deslocamento e permanência na universidade, chamado “bolsa permanência”. Para receber esta bolsa eles devem participar de atividades de pesquisa e/ou extensão orientados por um professor que as desenvolva.

mais a área da Ciência da Informação, o que os faz olhar para o conhecimento de maneira diversa da Pedagogia: o primeiro leva em conta a acessibilidade, organização e disseminação de documentos; o segundo tem a formação voltada para os processos e métodos educativos. O encontro dos estudantes destes dois campos de formação e a forma pela qual trabalhávamos, sem um planejamento aprioristicamente rígido, foi pouco a pouco criando relações nas quais os sujeitos que participavam se sentiram livres – assim suponho – para expressar afetos, saberes e desejos.

A visão que Foucault (2006) tem sobre o poder adquire aqui importância crucial. Tomaremos de empréstimo seu ponto de vista, para que seja possível acompanhar nosso propósito. O poder, na perspectiva do autor não é considerado como um atributo de apenas alguns indivíduos que foram autorizados institucionalmente a exercê-lo. Tradicionalmente, pensa-se no poder como uma estrutura, ou localizado no aparelho de estado. Foucault (2006, p.231) nos esclarece:

As relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família. Na sociedade há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo.

O poder que está presente no tecido social, nas relações afetivas, familiares, de trabalho, também está presente em um grupo de pesquisa. Encontramo-nos todos num tecido que está embebido em poderes. As relações afetivas que se criam se amalgamam a poderes, forças que podem nos subjugar, homogeneizar – capturar o que temos de mais próprio -, mas também podem nos potencializar no sentido em que podem ser vetores de criação e transformação.

A seguir comentaremos como nosso grupo de pesquisa foi se tornando objeto de si mesmo.

Sobre um grupo de pesquisa que usou sua atividade para se pensar: subjetividades em movimento

O processo de revisão das entrevistas gravadas estimulava o grupo de estudantes a se mover no sentido de pensar em suas próprias escolhas; como se sentiam com relação ao fato de frequentarem seus respectivos cursos de graduação, idéias ou concepções que estavam em transformação – *“eu não penso mais como pensava logo que cheguei à faculdade...”* -, *“descobri coisas muito interessantes a respeito da Biblioteconomia nas aulas da professora X”*. Os encontros, virtuais ou presenciais, começaram a gerar um companheirismo e

cumplicidade inesperados. A experiência daqueles que se dispuseram a falar para nós e se deixaram filmar começou a produzir um fenômeno importante no próprio grupo de pesquisa que chamaria de *propagação*. Vale a pena determo-os neste conceito.

A *propagação*, de acordo com Canellas de Oliveira (2012), é um conceito cunhado por Gabriel Tarde, sociólogo e jurista francês que elaborou suas ideias no mesmo momento histórico em que Durkheim construía sua sociologia. Tarde traz para este campo uma teoria dos afetos, pois levava em conta os processos de *imitação* que se propagam como ondas na vida social a partir de crenças e desejos. Sua concepção era a de que não haveria uma oposição entre o indivíduo e a sociedade que o determina. Afirmava que “... as microimitações que passam de um indivíduo ao outro compõem, na verdade, um *fluxo* ou uma *onda* e que não dizem respeito apenas ao indivíduo, mas que se *propagam* com e a partir deles.” (CANELLAS DE OLIVEIRA, 2012, p. 114)⁶ Ainda segundo a autora, para Tarde a imitação é um processo que reproduz, mas que também produz diferença, já que há uma variação de modos de agir e de pensar infinita e continuamente sendo criados. Referimo-nos à diferença pensando no diferir-se a si mesmo, no desenclausuramento identitário, processo que se dá no plano microscópico que o olhar de um ponto de vista macrossocial não enxerga. Tarde entende também que as relações de poder se dão nas relações afetivas. No entanto, entende que tal poder não deve ser considerado como dominador ou escravizante, pois são forças em tensão (CANELLAS DE OLIVEIRA, 2012).

Tendo esclarecido o que é *propagação*, é possível prosseguir nosso relato. Assistimos, não sem um certo encanto, àqueles sujeitos que se uniram quase ao acaso – como explicado acima, eles se encontraram porque haviam obtido uma bolsa permanência e sendo assim precisavam vincular-se a um grupo de pesquisa – dialogando e expressando-se uns a respeito dos outros em concomitância com um dobrar-se sobre si mesmo, reavaliando-se, revendo-se. Em meio a esse movimento acolhemos uma nova bolsista, colega de turma de duas de nossas estudantes. Ela havia nos procurado porque havia sido “seduzida” por esta participante do grupo. A *propagação* se manifestava para além dos limites de nossas atividades. Estes atravessamentos e encontros que se dão naquele processo diziam algo sobre as subjetividades que se moviam no grupo de pesquisa.

Entendemos as subjetividades como processos que se instauram nos sujeitos, dentro de um campo de forças, em um tempo histórico, sendo produzidos e formados “... através de

⁶ Canellas de Oliveira, Wanessa Monteiro. **Ecoss da memória: diferença, ética e política da multidão**, (Tese) Doutorado em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2012.

práticas que podem ser de poder ou de conhecimento ou mesmo pelas técnicas de si” (REVEL, 2009, p. 102)⁷. O pensamento foucaultiano concebe o sujeito que se constitui como aquele que pensa, age e se produz em uma processualidade, em um constante deslocamento de si mesmo. Vale, então, dizer que a ideia de uma gênese ou uma origem das subjetividades está aqui descartada, pois o que permite pensar nossa questão neste trabalho deve considerar exatamente os processos, os deslocamentos, o movimento. Além disso, temos como perspectiva a noção de singularidade, uma invenção de si mesmo “... não é no exterior da grade saber-poder mas na torção íntima...” (REVEL, 2009, p. 103)⁸. Para Foucault interior e exterior não são elementos estanques, pois somos seres que habitamos um tempo particular e somos atravessados por ele, mas também agimos sobre o mundo em que vivemos. Sendo assim, uma “torção íntima” significa realizar um movimento sobre si mesmo, de cuidado, num exercício de rememoração dos próprios atos cotidianos, nas relações com os outros. A “torção íntima” pode ser ilustrada com o famoso desenho de Moebius, chamada *faixa de Moebius*, que é exatamente uma faixa que se torce de tal maneira que o que se encontra no interior passa a estar voltada para o exterior. Desta forma, a noção de *singularidade* com que trabalhamos é aqui entendida como processualidade da criação de si, ou seja, as práticas através das quais o sujeito se produz tornando-se um si mesmo único, constantemente em movimento e transformação.

Entendemos a vida como criação, o que não pode ser confundido com a mera transformação da imagem corporal. A perspectiva de Foucault muda a noção de sujeito como elemento originador, “instância de fundação”, para a ideia de um sujeito está permanentemente em movimento produzindo-se, fabricando-se, o que nos traz outra noção foucaultiana que é a dos *modos de subjetivação* – processos de constituição de si - que, em sua perspectiva inicial define-se como “...modos em que o sujeito aparece como objeto de uma determinada relação de conhecimento e de poder” (CASTRO, 2009, p. 408)⁹. Foucault também pensa o sujeito e os *modos de subjetivação* como modalidade ética em um sistema dinâmico que se faz através das “... formas de relação consigo mesmo, as técnicas e procedimentos mediante os quais se elabora essa relação, os exercícios pelos quais o sujeito se constitui como objeto de conhecimento, as práticas que permitem ao sujeito transformar-se em seu próprio ser” (CASTRO, idem, p.409)¹⁰. É bom sublinhar que o “si mesmo” ou “o

⁷ Tradução livre.

⁸ Idem.

⁹ Castro, Edgardo. **Vocabulário de Foucault, um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**, Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

¹⁰ Castro, Edgardo, 2009, idem.

próprio ser” com que trabalhamos não pode ser pensado como o de um sujeito encapsulado em um “dentro” psíquico, oposto ao um “fora”, supostamente sinônimo de mundo social. Entendemos que não há subjetividade que não esteja plasmada nas diferentes forças sociais, antropológicas, biológicas, culturais, históricas.

Tendo em mente que tornar-se um sujeito é também um “trabalho” de constante exercício de cuidado sobre si mesmo, o que inclui indubitavelmente nossas relações sociais e afetivas, retomamos o processo que se desenrolou no nosso grupo de pesquisa considerando que o diálogo, a reflexão sobre suas escolhas e as trocas que os estudantes realizaram mostraram-nos como os modos de subjetivação podem se instaurar.

Nossos encontros das segundas-feiras em uma sala de aula foram criando um ambiente em que o grupo de trabalho mergulhava em um novo jogo de forças onde brotaram afetos e comentários dinamizados pela produção do documentário. Este processo diz respeito à memória, especialmente a memória afetiva, que atualiza aquelas experiências que nos marcam e nos tornam singulares. Era nesta processualidade, neste tecer, que se dava a experiência propriamente dita do grupo de pesquisa.

As conversas despreziosas e livres, a respeito do que ouvíamos nos registros filmados, iam se transformando em um exercício – uma *exegese* – de si mesmo. Pensando no outro, pensava-se em si mesmo, compreendendo o outro compreendia-se a si mesmo, o que foi compondo um texto coletivo no qual se discutiam dúvidas, angústias e perspectivas em torno do que suas vidas estudantis na universidade estavam sendo e poderiam vir a ser.

A noção de experiência que descrevemos há pouco e da qual nos valem diz respeito a “...qualquer coisa que se faz solitariamente, mas ela só é plena se escapar à pura subjetividade, isto é, que outros possam cruzá-la ou atravessá-la” (REVEL, 2009, p. 55)¹¹. Vale dizer que uma parte dos componentes deste grupo não tinham como prioridade cursar a graduação em que se matricularam. Sendo assim, o diálogo no grupo parecia ser uma elaboração de suas frustrações e a possível superação de algumas angústias, tais como: “como prosseguir em uma graduação e se envolver em um campo profissional que não teria sido sua primeira escolha?” Tal formulação aparecia também nos depoimentos de seus colegas, expressando e refletindo suas preocupações e desejos, abandonados ao menos por algum tempo.

Todo o processo, lembramos mais uma vez, foi desencadeado pela produção de um documentário. Sendo assim, é importante dizer algumas palavras sobre ele. Miglorin (2010)

¹¹ Revel (idem), p. 55. Tradução livre.

diz que o documentário não tem uma identidade, pois é principalmente uma multiplicidade que afeta e transforma o real, com caráter político e atravessado pelo interesse humano. O autor declara que o desejo do documentarista volta-se para “... o que esse homem comum faz, como aquela mulher ganha a vida, como conta seu passado, como mobiliza a palavra e enfrenta os poderes, como exerce o poder, como afirma sua inteligência, como ocupa os espaços, como formula o futuro ou se livra do presente (p.10)”. De acordo com o autor, é no documentário que podemos apreender os modos de subjetivação contemporâneos, falando de sujeitos comuns que “no cotidiano esboça(m) a imaginação sobre si e sobre o outro” (MIGLIORIN, 2010, p.12). É nele que se instaura uma dimensão coletiva da linguagem na qual as fronteiras entre o individual e o coletivo se dissolvem e neste território novo circula o que é de todos e o que pertence um único sujeito. É nos documentários que pode ser instaurada uma “política dos encontros”, onde estão “... em jogo as indeterminações e descontroles, o imprevisto e o improvável...” (MIGLIORIN, idem, p.15).

Descobrimos em nosso objeto de trabalho possuía qualidades que provocaram no grupo o movimento de inflexão sobre si mesmo.

Os membros do grupo falando de suas impressões

Reproduzimos aqui os depoimentos que os estudantes participantes do grupo fizeram por escrito a nosso pedido.

“A experiência de observar as falas e até de participar de uma entrevista me proporcionou perceber algumas diferenças e semelhanças que existem entre os entrevistados, cada um com suas peculiaridades, e me fez refletir sobre o que cada história tem que ver com a minha e em muitos momentos a identificação me surpreendeu.” (Lydiane)

“O fato de ouvir os alunos falar de seus afetos me faz refletir sobre as minhas próprias motivações, as que me trouxeram e principalmente, as que fazem de mim uma espécie de pêndulo afetivo de permanência e evasão; este movimento de ponteiro me faz transformar sensações e impressões em pensamentos mais palpáveis, tornando mais claros os objetos do meu desejo junto à graduação. Todo esse emaranhado de descobertas, pensamentos e sensações me leva a concluir que as poucas iniciativas que tentam jogar luz sobre as expectativas, aflições e incertezas dos graduandos acabam por minar uma forma riquíssima do próprio curso de se autoconhecer, como projeto de graduação e dos professores e estudantes,

de se perceberem com mais detalhamento através da escuta do outro, que reverbera na escuta de si mesmo.” (Leonardo)

“Ouvir os alunos, sentir suas emoções, sua vivência, faz com que crescamos como pessoas e educadores, analisando nossa própria história e o porquê de estarmos no curso de pedagogia e quais são nossos reais objetivos, onde queremos chegar.” (Alexandra)

“Estou no quarto período de Biblioteconomia e, após ver as entrevistas, posso dizer que voltei a me sentir como uma caloura. Os entrevistados comentam sobre questões individuais, desabafos de histórias de vida, relatos únicos e incomparáveis, porém em respostas aos vídeos, me vi tão segura quanto aos que demonstravam convicção, e tão curiosa quanto aos que ainda tinham muitas questões.

Mexeu com as minhas escolhas observar que pessoas de outro curso também careciam de informações, assim como meus amigos e eu. Isso me fez sentir inquieta porque eu vejo que se trata de um descaso da sociedade com os “cursos de base”. Tais cursos, como o de Biblioteconomia, fundamentam relações sociais e em sua grande maioria são esquecidos e desconsiderados no dia a dia.

Entrei no curso de biblioteconomia por acaso e fui conhecendo aos poucos essa disciplina que, à primeira vista, pareceu-me tão prática quanto indica o seu nome. A cada novo contato que tive, foi crescendo em mim a paixão e a identificação com determinados eixos que a Biblioteconomia oferece. Toda essa certeza se intensifica na medida em que eu me deparo com um profissional bibliotecário que não poupa elogios e declarações acerca do seu campo. Isso me deixa incitada e me faz sentir confiante nas minhas escolhas dentro do curso. Porém, posso dizer que me sinto um tanto quanto desestabilizada, quando me deparo com o desinteresse presente externamente do curso.

Declarei que me sentia novamente como uma caloura, pelos reflexos que as entrevistas me trouxeram e por ter me identificado com os casos dos novatos. Quer dizer o ingressar no grupo de pesquisa.” (Bruna)

“Ver a pesquisa tomando forma e poder estar participando disso é fantástico, mais ainda por ser uma pesquisa que tem a nossa cara. E o mais fantástico é poder perceber que eu, minha visão e meus pensamentos tomaram forma também. Eles, assim como a nossa pesquisa, se modificaram e posso dizer que evoluíram. A minha história de vida tomou novos rumos e um dos fatores que proporcionou isso foi participar do “Histórias de Vida dos estudantes de Pedagogia”. Lembrar o meu primeiro depoimento, cheio de incertezas, na

dúvida se iria permanecer ou se abandonaria o curso, sem até mesmo saber ao certo os motivos que me trouxeram a Unirio... Chega a ser engraçado, e é interessante ver como em tão pouco tempo muita coisa mudou. Estar neste grupo de pesquisa proporcionou-me maior reflexão sobre a minha escolha. Poder ouvir o outro, tanto nos video-depoimentos como a fala dos outros integrantes do grupo com suas contribuições e a professora ao nos orientar nas discussões e análises quer formais ou informais, ajudou-me muito.” (Melanie)

“Quando busquei o projeto procurei psicologia por ser uma área de afinidade minha, porém encontrei outra coisa da qual gostava, como o projeto áudio-visual, e outro que não gostava que era falar de mim. O grupo de pesquisa se tornou para todos um grupo de terapia, não apenas para os entrevistados, mas também para nós, atrás da câmera.

Eu, como aluno de Biblioteconomia e acreditando que as motivações dos ingressantes neste curso são particulares, pude perceber que as inseguranças e certezas no curso escolhido são as mesmas em qualquer faculdade. Isso se ressalta nas nossas discussões após as entrevistas, quando são levantadas afinidades por um ou outro entrevistado com nossa história de vida.

O processo técnico e artístico do projeto é outra coisa que gera tensão, sobretudo a mim, e talvez apenas a mim. Embora muito diferente do processo caótico da oficina de cinema que participei, o documentário não deixa de causar aquela tensão. A segurança que ainda se tem é que há tempo de se pensar em tudo, a qualidade do material colhido e, talvez aparentemente, a segurança que todos teriam no que estamos fazendo.” (Cristiano)

Em modo de conclusão

As declarações escritas dos estudantes expressam tanto suas preocupações com as trajetórias de suas vidas como com o valor que atribuem às suas profissões futuras. Ouvimos frequentemente que a escolha profissional pode ser feita tendo em vista uma atividade que é apreciada e desejada, como também uma escolha poderia ter como propósito os ganhos que viessem a proporcionar conforto material. Em geral, o período em que tal escolha deve ser feita coincide com o período de ensino médio e, na maioria dos casos, os jovens que chegam ao curso de Pedagogia da UNIRIO declaram desejar fazer outras graduações, como por exemplo, Medicina, Psicologia, Direito ou Cinema. Poucos são aqueles que de fato se decidiram pelo campo da Educação. Muitos dizem que se matricularam no curso de

Pedagogia porque foi o que a nota do ENEM¹² lhes permitiu. Além disso, o campo da Educação é associado à docência no ensino fundamental, o que muitos não desejam fazer.

No nosso grupo, apenas dois dos estudantes escolheram o campo da Educação. Dois deles realizavam outros cursos em paralelo. Suas falas enunciam seus modos de subjetivação e de constituição de si: *“E o mais fantástico é poder perceber que eu, minha visão e meus pensamentos tomaram forma também..”* Melanie frequentava paralelamente o curso de Serviço Social e Leonardo expressa em seu texto como se sentia como um pêndulo desejando ficar e, por vezes, desejoso de se evadir do curso de Pedagogia.

Cristiano, mais prudente, diz o que o atrai (o trabalho áudio-visual e a Psicologia) e considera a convivência grupal como terapêutica. Sua observação é muito interessante pois, não podemos deixar de pensar um grupo terapêutico como um encontro no qual os sujeitos se ajudam mutuamente a aliviar e curar dores, a esclarecer dúvidas, a buscar soluções para seus conflitos. Nele, fala-se do que se passa na intimidade da alma e ali somos o que somos, sem máscaras. Os diferentes aspectos do que somos, pensamos, sonhamos e agimos estão sempre em questão em um grupo (terapêutico) e, por isso, ali exercemos muitos *modos de subjetivação* quando nos colocamos à escuta do outro, quando tateamos novas maneiras de viver, quando nos colocamos a nu, quando ensaiamos perguntas e saímos em busca de respostas. Cristiano “diagnosticou” com seu olhar singular o grupo de pesquisa.

Há declarações relativas a forma pela qual o curso, no caso o de Biblioteconomia, é percebido socialmente com desvalia e desprestígio. Bruna preocupa-se com o fato. Em meio a estas forças – a demanda social por sucesso material, o desprestígio que o senso comum tem de seus cursos, a desinformação sobre as possibilidades de atuação profissional, suas expectativas e dúvidas – os estudantes, por vezes, tornam seus desejos opacos e podem vir a mergulhar em sentimentos de solidão e confusão, que aparece na expressão “pêndulo afetivo”, de Leonardo.

Alexandra sintetiza em uma frase seu modo de subjetivar-se, ao fazer uma flexão sobre si, ao manifestar o valor de analisar *“...nossa própria história e o porquê de estarmos no curso de pedagogia e quais são nossos reais objetivos, onde queremos chegar.”* Lydiane deixa claro o como o processo de subjetivação requer a presença do outro, como o movimento entre o si mesmo e outro está presente ao constituir-se. Vemos também, na fala de nossa estudante, como a *propagação* pode se desenrolar. Ela diz: *“A experiência de observar as falas e até de participar de uma entrevista me proporcionou perceber algumas diferenças e semelhanças*

¹² Exame Nacional de Ensino Médio

que existem entre os entrevistados, cada um com sua peculiaridades, e me fez refletir sobre o que cada história tem que ver com a minha...”. Neste caso, vemos na declaração de Lydiane como suas ideias estariam presentes nas falas de seus colegas. Há uma circulação de modos de sentir e pensar que pertenceriam a muitos dos que se dispuseram a se expor em suas entrevistas.

A escuta pode ser um instrumento de controle (2010). No nosso caso, a escuta sensível trouxe aos nossos encontros – bons encontros – a possibilidade da criação, em seu sentido ontológico, de relações peculiares e que nos aproximaram afetivamente. A criação deve ser entendida aqui como a abertura de possibilidades, cheias de intensidades e potencializadoras para todo o grupo.

Inicialmente o que nos movia eram os registros das entrevistas. Víamos e ouvíamos os estudantes convidados e posteriormente revíamos o que fora gravado. Eram encontros em que predominou um clima de cuidado com os depoimentos. Não se fazia juízo de valor. Estávamos todos sensibilizados com o que cada um declarava a seu respeito. Além disso, o trabalho propiciou um ambiente em que havia uma certa intimidade com os entrevistados e, talvez, através dessa aproximação virtual, acabamos por dar-mos conta que *“...o mais fantástico é poder perceber que eu, minha visão e meus pensamentos tomaram forma também. Eles, assim como a nossa pesquisa, se modificaram e posso dizer que evoluíram”*, como diz Melanie.

As perguntas propostas no início deste texto talvez fiquem sem respostas, mas elas permanecem como propulsores de ações que forneçam mais combustível para relações que produzam novos desejos e de criação.

Bibliografia

CANELLAS DE OLIVEIRA, Wanessa Monteiro. **Ecoss da memória: diferença, ética e política da multidão**, (Tese) Doutorado em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2012.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault, um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**, Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHEVALIER, Jean e Gheerbrant, Alain. **Diccionario de los símbolos**, Barcelona : Herder, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**. Poder e Saber, vol. IV, Rio de Janeiro: Forense, 2006.

MIGLIORIN, Cezar (org). **Ensaio no real, o documentário brasileiro hoje**, Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

REVEL, Judith. **Le vocabulaire de Foucault**, Paris: Ellipses, 2009.

SENRA, Stella. **Perguntar (não) ofende, anotações sobre a entrevista: de Glauber Rocha ao documentário brasileiro recente**, in Migliorin, C. (org), **Ensaio no real, o documentário brasileiro hoje**, Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.